

O COMETA

Em 1986, muita coisa aconteceria: o Plano Cruzado, a Copa do Mundo do México, em que o genial Maradona daria mais um título à Seleção Argentina, o pavoroso acidente nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, então uma República da extinta União Soviética, dentre outros fatos que entrariam para a história. No início daquele ano, todavia, o assunto era um só: a passagem do cometa Halley. Havia uma enorme expectativa pelo notável acontecimento astronômico, haja vista que o referido corpo celeste só nos visita a cada 75 ou 76 anos, isto é, uma vez a cada geração. Onde quer que se fosse, no bar, no banco, no salão de beleza, no trabalho ou em qualquer outro lugar, as pessoas só falavam no tal cometa. Aumentava a ansiedade a notícia de que sua última passagem, em 1910, fora magnífica, permitindo seu avistamento a olho nu, deixando em êxtase os habitantes da espaçonave Terra, que puderam admirar aquela esfera brilhante, ornada com sua exuberante e flamejante cauda.

O cometa passaria por aqui no dia 9 de fevereiro daquele ano, de modo que era preciso adotar medidas para recebê-lo com toda a pompa e a hospitalidade devidas a um visitante tão ilustre e raro. Beto, aos 12 anos de idade, via no acontecimento uma oportunidade única, pois seu retorno somente aconteceria em 2061, quando ele teria a longínqua e improvável idade de 88 anos (aos 12 anos, a velhice não passa de uma distante miragem). Era agora ou nunca.

Sua primeira providência foi no sentido de obter um instrumento adequado para ver o cometa. Tinha um binóculo, mas não lhe parecia o suficiente para tão importante acontecimento, daí porque convenceu sua mãe a presentear-lo com uma luneta. Para persuadi-la, inventou que tinha um trabalho de grupo sobre o cometa para apresentar na escola, e precisaria vê-lo muito bem para descrevê-lo com propriedade perante o professor e os colegas. A mãe, que quase nunca negava um pedido do filho, ainda mais quando relacionado a questões escolares, lhe comprou a luneta, apenas com a ressalva de que o objeto não era apenas dele, mas também de seus irmãos. É bem verdade que Beto queria um telescópio, mas a luneta o deixou satisfeito, até porque não era comum ganhar presentes, a não ser em ocasiões especiais, como aniversário e Natal, datas ainda distantes, pois ele somente completaria 13 anos em setembro.

Conforme a data da visita ia se aproximando, sucediam-se informações nos jornais, no rádio e na televisão, as quais, embora ressaltassem a relevância do acontecimento cósmico, iam noticiando que, desta vez, não seria como em 1910, pois o cometa passaria mais distante, e apareceria no céu como uma estrela brilhante, levemente alongada, o que lhe causou alguma frustração, porém não suprimiu sua ansiedade, própria de um garoto, chegando na puberdade.

Enfim, era chegado o grande e esperado dia, o qual, ao andar preguiçoso dos ponteiros do relógio, se fez noite. Agora ou nunca, pensava Beto. Se não vir o cometa hoje, jamais o verei. Beto e sua família moravam em um apartamento na Praça da Bandeira, nas bordas da Tijuca, bairro

tradicional do Rio de Janeiro. O apartamento ficava no terceiro andar de um edifício de 15 andares, cuja vista dava para um terreno vazio, ladeado por outros dois edifícios, de mesma altura. Apesar disso, dali se tinha uma boa visão do céu, ainda que com limitações. Beto, incorporando Galileu, vasculhou o céu noturno, a olho nu e com a luneta, mas não encontrou o cometa.

Enquanto a família assistia ao noticiário televisivo, um astrônomo disse que para avistar o cometa era necessário estar em um local com pouca iluminação, pois a luz ofusca o céu, dificultando a visão dos astros. Recomendava, assim, que aqueles que desejassem ver o cometa fossem para lugares escuros, se possível afastados das grandes cidades, e quanto mais alto melhor, pois haveria menos poluentes, assim permitindo uma melhor visão celeste. As palavras do cientista soterravam as expectativas de Beto. Ele estava em ambiente urbano, bastante iluminado, e no terceiro andar, quando deveria estar no campo, em local escuro, preferencialmente no alto de uma montanha. Parecia que ele dizia a Beto: - Você esperou à toa, não verá o cometa, pode guardar sua luneta.

A frustração do garoto era evidente, mas, quando ele já estava desistindo de seu projeto cósmico, o inesperado aconteceu: seu pai chamou toda a família para ver o cometa do alto do morro do Corcovado, junto ao Cristo Redentor. Todos se alegraram e, sem demora, tomaram o rumo da montanha, numa noite mágica, a bordo do valente Fusca, que finalmente os levaria ao encontro do visitante ilustre.

Infelizmente, muitos tiveram a mesma ideia, e logo se formou um grande engarrafamento na estrada que leva ao Corcovado. A terra prometida, porém, justificava o sacrifício, de modo que ninguém sequer cogitou de desistir. Depois do longo engarrafamento e da natural dificuldade para se encontrar uma vaga, Beto e sua família finalmente chegaram ao destino, onde todos foram, sôfregos, à caça do cometa, assim como as centenas de pessoas que se aglomeravam sob os braços abertos da imagem do Cristo. A vista do Rio de Janeiro, todo iluminado, era linda lá de cima, mas naquela noite, a ninguém seduzia, pois todos os olhares estavam voltados somente para o céu, bordado com milhões de estrelas e enfeitado com a romântica lua dos poetas (também ignorada pela plateia). Inobstante os esforços de Beto e de seus familiares, nenhum sinal do cometa.

Conforme a observação seguia, Beto ouvia, de vez em quando, alguém gritar coisas como “- Estou vendo!” “- É aquele ali!”, apontando para um corpo celeste, que parecia uma simples estrela, não o cometa imaginado, com sua longa calda. Indiferente à aflição daquele menino, *Halley* permanecia oculto, disfarçado de estrela.

O pai de Beto, notando que o filho já estava cansado e decepcionado com a falta de modos do visitante tão esperado, que, tímido, não se revelava, disse ao menino, para animá-lo, apontando para uma estrela qualquer: “- Olha ali. É o cometa. Veja como é brilhante e ligeiramente alongado. Não é

como as outras estrelas, está vendo?”. Beto olhou, porém não via diferença entre o astro indicado pelo pai e as outras estrelas. De fato, era brilhante, mas nada tão diferente assim. Olhou de novo, agora com a luneta. Será o cometa? Apesar de querer enxergá-lo, tudo o que via era somente mais uma estrela, parecida com qualquer outra. Para não decepcionar o pai, porém, Beto passou a tratar aquele objeto celeste como se realmente fosse o cometa, fingindo acreditar no que o genitor lhe dizia. O pai percebeu que Beto simulava acreditar e, intimamente, ficou satisfeito de ver que seu filho se importava com ele e queria agradá-lo. Durante algum tempo, Beto e sua família passaram a contemplar o suposto cometa, até que, dando por cumprida a tarefa, todos partiram.

Se aquele astro era ou não o cometa, jamais se saberá (provavelmente não era), mas isso não tem a menor importância. O que ficou do episódio é que, naquele histórico e memorável dia, uma família se reuniu para ver o céu, e os corações de todos, notadamente de pai e filho, se alinharam perfeitamente, numa cumplicidade que somente eles entenderam, sob as bênçãos do Cristo Redentor.